JACOB EM METAMORFOSES

Maria Marta dos Santos Silva Nobrega
UFCG

Resumo
O mito de Jacob em Murilo Mendes configura uma relação do poeta com seu fazer artístico face as representações do mundo moderno, em busca da identidade e da legitimidade. Nas relações do ser entre o social e o sagrado, o poeta busca a unidade perdida visando modificar uma situação *insatisfatória*.

Palavras-chave: *mito, poesia, modernismo*

Abstract
The Jacob's myth in the Murilo Mendes' poems configures a relationship of the poet with his way produce, amid the conflicts of representation of legitimacy. When reflecting the relationships of the being with himself, with the social context, with the sacredness, the poet looks for to rescue a lost unit and he imposes himself with the purpose of modifying an *unsatisfactory situation*.

Key-words: myth, poetry, modernism

Introdução

A obra poética de Murilo Mendes surgiu dentro da crise social, existencial e cultural que permeou o Brasil na década de 20. Período em que, lançado o estopim da modernidade, abria-se a possibilidade de construir um Brasil "real", com mais autenticidade, menos mimetismo e, assim, conquistar a "nacionalidade".

Em Murilo Mendes, dentre outras atualizações de mitos antigos, a de Jacob ressurge como busca de nacionalidade e como forma de refletir, de desmascarar e recriar as bases existenciais da vida moderna. Semelhante a Jacob – que lutou com Deus -, o poeta trava uma luta com as palavras, buscando-lhes a plenitude do

sentido. Para Murilo, no palco da história da vida moderna marcada pela superação e destruição, ainda há lugar para o verbo criador, conforme retratam, sobretudo, os poemas "Novíssimo Jacob", "Mapa", "O Pastor Pianista" e a "Criação e o Criador". Antes da leitura dos poemas, convém uma revisitação ao arquétipo de Jacob.

Quem ainda hoje se dispuser a procurar um sentido ontológico para o homem no universo literário bíblico encontrará nos capítulos 28 a 32 do livro de Gênesis[1] uma personagem que representa claramente os baixos e altos da natureza humana. Esta personagem é Jacob, o enganador, que após trapacear o irmão, Esaú, e o pai, Isaque, luta com Deus e recebe a transmutação total de sua identidade.

Que forças teriam obrigado Jacob a persistir em lutar contra o irmão, contra o pai e até contra Deus para ser abençoado? Aceitando a narração mítica em seu nível descritivo, vê-se que Jacob não tem escolha: submeteu-se ao poder normativo de Deus, que, antes do seu nascimento, profetizara que ele suplantaria seu irmão. Mas, uma outra dimensão simbólica desse mito podemos ver no trabalho incontinente do Jacob bíblico: o esforço humano para superar-se. E, para construir um sentido existencial, Jacob estava sempre em fuga. Nesse trabalho fugidio, ele continuava a luta pela vida, negando a morte, a estagnação. De acordo com Robert Couffignall,

> Tal como acontece com Jacó, o homem moderno está sempre sob o ataque e uma ameaça de morte que vem do exterior, ao mesmo tempo que, em seu interior, experimenta um enfrentamento não menos estafante entre o instinto de morte e a aspiração à vida, entre o espírito de mentira e o espírito de verdade; para reintegrar o espírito, é preciso passar pelas provas de uma iniciação, ao termo da qual o homem poderá 'pôr-se de pé', receberá um novo nome, como Jacó que renasceu chamando-se Israel.[2]

[1] João Ferreira de Almeida (trad.) *Bíblia Sagrada*. São Paulo, Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

[2] Robert Couffignall. "Jacó" in; Pierre Brunel (org), *Dicionário de Mitos Literários*, Rio: José Olympio, 1997, p. 515-6

É este arquétipo de Jacob, herói consciente e duelador, trabalhando incessantemente pelo seu ideal, que nos interessa aproximar dos empenhos e impasses de alguma poesia de Murilo Mendes, que por sua vez inscreve-se na práxis da lírica moderna, a poesia da consciência vigilante, crítica, auto-reflexiva, mesmo que Murilo, algumas vezes, opere as metamorfoses.

Leitura de poemas

Ao voltar-se para si, buscando a sua face, a poesia moderna também busca reconstruir uma imagem de mundo, ou melhor, ela reflete e ao mesmo tempo refrata os impasses fundamentais do homem. Ao lutar com a palavra, antes que chegue a aurora da revelação poética, o poeta adquire consciência do seu ato diante do mundo. Ato que é uma forma de resistência e transcendência; uma busca que é também destino, ponto de chegada, ponto de encontro e reencontros.

Nesse contexto, o poema manifesta-se como um lugar privilegiado, fecundo, de faces e falas diversas, pois a ponte da leitura que conduz ao mundo do fazer e do existir humanos, o mundo da história, é a mesma que faz esse mundo retornar ao interior do poema. Fecha-se, assim, um círculo estranho no qual a linguagem, que deveria traduzir o universo humano, encena diante de si a própria existência. Homem e poesia se fundem, se confundem na metapoesia moderna; como Jacob tornou-se uma fusão de Esaú e Jacob na busca de Israel, o poeta moderno procura construir um sentido para a vida.

Assim, poderíamos dizer que a poesia moderna, sob esse signo do eterno retorno do mesmo, reflete o drama de Jacob, ou seja, a ascensão e queda da linguagem humana, atuando nos limites da representação do mundo e da auto-referência (fala e afasia), buscando uma imagem de mundo nos abismos de suas imagens e miragens.

Há na poesia moderna, uma linguagem, como o próprio homem moderno, compelido(a) a se reelaborar a se renomear, a checar seus valores em ritmo e lutas alucinantes. Uma linguagem pejada de símbolos e espantos, de buscas e vazios, que "tanto desce como sobe...", como se pode ver em "Novíssimo Jacob":

NOVÍSSIMO JACOB
Antes de eu nascer tu velavas sobre mim
E mandaste teu anjo substituir minha mãe morta
Ele me continha quando eu corria à beira mar

Ou quando me debruçava sobre o abismo,
Cantava serestas e acalantos
Para aplacar minhas horas de pedra.
Às vezes uma vasta sombra atravessa os dias:
E de noite eu ouvia claramente os passos do serafim
Perderem-se nas estrelas do céu.
Mais tarde uma mulher ao meu lado
Tinha um esboço de asas nas espáduas
E na minha alma diminuíam os cuidados do tempo.

Manda-me de novo teu anjo
A fim de lavar as minhas chagas,
A fim de refrescar a minha boca:
Há dias em que nem mesmo tua palavra nos sustém.
É preciso que eu te veja nos menores detalhes,
É preciso que eu seja não só eu, também tu.
E que encare o sofrimento como um céu aberto,
E tua luz descendo e subindo sobre mim.

(*Tempo e Eternidade*[3])

O "Novíssimo Jacob", como o velho patriarca bíblico, conviveu com anjos, obteve e perdeu a proteção divina, mas não teve o amor nem a presença da mãe, nem a fortuna, nem as muitas mulheres (legítimas) e filhos de que fala o texto sagrado. Uma mulher ao seu lado "tinha um esboço de asas nas espáduas", e diminuía, na alma do poeta, "os cuidados do tempo", alusão ao zelo de Rebeca, à trama da primogenitura trocada pelo prato de lentilhas.

[3] PICCHIO, Luciana Stegagno (org.).*Murilo Mendes: Poesia Completa e Prosa* . Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 251. A abreviatura *PCP*, utilizada para localização dos poemas corresponde, pois, a esta edição.

O novo Jacob, mais próximo de Job, não chama pelos anjos para defender-se de inimigos ou resgatar riquezas, mas para "lavar" as "chagas", "refrescar a boca", porque a palavra de Deus nem sempre "nos sustem". A "luta com o anjo", expressão cara a Murilo, que vai empregá-la algumas vezes em suas críticas, é tomada do episódio bíblico, sem aparecer no poema em questão, a não ser o sentido da relação com o que seria o "anjo da guarda" das versões infantis: "teu anjo (...) me continha quando eu corria à beira-mar/ (...) me debruçava sobre o abismo, (...). Manda-me de novo teu anjo (...)"

A própria divisão do poema em dois momentos já sugere o desterro existencial do poeta e sua desarticulação representativa. Este poema retira do vazio inicial – ausência do místico – que ronda o texto poético moderno o seu *pathos*, seu drama existencial. A substancialidade desse vazio é flagrante nos tempos verbais da primeira estrofe, todos no pretérito: "velavas", "mandaste", "continha", "corria", "debruçava", "cantava", "atravessava", "ouvia", "perderem-se", "tinha", "diminuíam". Tal recurso estilístico reforça uma imagem de mundo escorregadia que faz voltas em si, retratada pelo poeta através de um drama corpóreo-existencial mas ao mesmo tempo projeta a consciência ativa que busca a transcendência no interior da própria crise existencial.

A figura mística – o anjo e depois a mulher – transformou a angústia do poeta órfão em um concerto com "serenatas e acalantos", reforçando assim, o caráter transcendental da linguagem poética fazendo-se em "dias que nem mesmo tua palavra [do místico] nos sustém". O esvaziamento da vida alvitra o esvaziamento do discurso poético. Bloqueadas, a vida e a linguagem poética, o poeta faz o concerto com os despojos que lhe restaram – as chagas – ou seja, a opção de viver e de fazer poemas, desejando voltar a ver o místico "nos mínimos detalhes". Não fosse essa opção consciente pelo reaparecimento do anjo, a sede pelo mistério e pela mística, o poema estaria para sempre perdido no sem-sentido, na impertinência do discurso frente às "horas de pedra".

A emergência dramática que impulsiona o desejo de "encarar o sofrimento como um céu aberto", sugere que a lírica moderna foi condenada a ter como totalidade em seu horizonte expressivo apenas o fragmentário que marca o seu corpo. O poema "Novíssimo Jacob" dramatiza esse antagonismo, pois sabe o poeta,

em seu exercício textual, que as linhas entre o efêmero e o eterno, a parte e o todo, são tênues. Onde se situar nesse trajeto? Nas angústias da existência em chagas e sede ou na "luz descendo e subindo" sobre o poeta? Para responder essas perguntas, o poeta, em "Novíssimo Jacob", apresenta-se – qual o arquétipo é marcado mas lança seu objetivo – o ser que busca no espaço metalinguístico a sua realização e revelação poética.

A dualidade expressa pela imagem verbal "descendo e subindo" sugere a complexidade do processo literário, em que o criador parte de uma atmosfera caótica porém extremamente fértil e dá ordem ao seu universo poético.

No poema "Mapa", a tensão tempo-eternidade possibilita uma reinvenção temporal acentuando a criação e destruição cíclica do tempo e do Cosmo e a crença na perfeição de um novo princípio:

MAPA
A Jorge Burlamaqui

Me colocaram no tempo, me puseram
uma alma viva e um corpo desconjuntado. Estou
limitado ao norte pelos sentidos, ao sul pelo medo,
aleste pelo Apóstolo São Paulo, a oeste pela minha
educação.
Me vejo numa nebulosa, rodando, sou um fluido,
depois chego à consciência da terra, ando como os
outros,
me pregam numa cruz, numa única vida.
Colégio. Indignado, me chamam pelo número,
detesto a hierarquia
Me puseram o rótulo de homem, vou rindo, vou
andando, aos solavancos.
Danço. Rio e choro, estou aqui, estou ali,
desarticulado,

Gosto de todos, não gosto de ninguém, batalho com
os espíritos do ar,
alguém da terra me faz sinais, não sei mais o que é
o bem nem o mal.
Minha cabeça voou acima da baía, estou suspenso,
angustiado, no éter,

Tonto de vidas, de cheiros, de movimentos, de
pensamentos,
não acredito em nenhuma técnica.
Estou com os meus antepassados, me balanço em
arenas espanholas,
é por isso que saio às vezes pra rua combatendo
personagens imaginárias,
depois estou com os meus doidos, às gargalhadas,
na fazenda do interior, olhando os girassóis do
jardim.
Estou no outro lado do mundo, daqui a cem anos
levantando populações
Me desespero porque não posso estar presente a
todos os atos da vida.
Onde esconder minha cara? O mundo samba na
minha cabeça.
Triângulos, estrelas, noite, mulheres andando,
presságios brotando no ar, diversos pesos e
movimentos me chamam a atenção,
O mundo vai mudar a cara,
a morte revelará o sentido verdadeiro das coisas.

Andarei no ar.
Estarei em todos os nascimentos e em todas as
agonias,
me aninharei nos recantos do corpo da noiva,
na cabeça dos artistas doentes, dos revolucionários.
Tudo transparecerá:
vulcões de ódio, explosões de amor, outras caras
aparecerão na terra,
o vento que vem da eternidade suspenderá os
passos,
dançarei na luz dos relâmpagos, beijarei sete
mulheres,
vibrarei nos cangerês do mar, abraçarei as almas
no ar,
me insinuarei nos quatro cantos do mundo.

Almas desesperadas eu vos amo. Almas
insatisfeitas, ardentes.

Detesto os que te tapeiam,
os que brincam de cabra-cega com a vida, os homens "práticos"...
Viva São Francisco e vários suicidas amantes suicidas,
e os soldados que perderam a batalha, as mães bem mães,
as fêmeas bem fêmeas, os doidos bem doidos.
Vivam os transfigurados, ou porque eram perfeitos ou porque jejuavam muito ...
Viva eu que inauguro no mundo o estado de bagunça transcendente.
Sou a presa do homem que fui há vinte anos passados, dos amores raros que tive,
vida de planos ardentes, desertos vibrando sob os dedos do amor,
tudo é ritmo do cérebro do poeta. Não me inscrevo em nenhuma teoria, estou no ar,
na alma dos criminosos, dos amantes desesperados,
no meu quarto modesto da Praia de Botafogo,
no pensamento dos homens que movem o mundo,
nem triste nem alegre, chama com dois olhos andando,
sempre em transformação.

(*Poemas*. In: *PCP.*, p. 116)

Projetando-se no corpo da linguagem poética, em si mesmo exaurido e saturado de signos e sentidos, este poema apresenta um estado de consciência poética e desvela o desespero do poeta face a sua limitação: "Me colocaram no tempo,/ me puseram uma alma viva e um corpo desconjuntado". Mesmo compreendendo sua finitude, mercê de sua abertura à banalidade humana e à própria faticidade, o poeta transfunde sua emoção em sublimação, embora circundado pelo desespero da inquirição do porvir.

Qual Jacob, conhecedor de seus limites, em "Mapa" o poeta "batalha com os espíritos do ar" na busca de sua face poético-existencial. Mas o destino já está traçado. Resta ao poeta seguir a trajetória demarcada e mergulhar no corpo da linguagem,

conduzindo e conduzido pela escada-palavra sob o signo do eterno retorno do mesmo, bem como indica o título – Mapa (representação geográfica de uma superfície plana) que, apesar de seus marcos possibilitarem novas descobertas, reconduzem ao mapeamento inicial.

Em "Mapa" o desespero do eu lírico oscila entre as lembranças do passado e a conquista dos lauréis do conhecimento. Tal conhecimento é fruto de uma existência consciente no mundo turbado do qual o eu-lírico retirou todo o saber e experiência possíveis mediante as disponibilidades de sua humanização rotulada (versos 2 a 9). Com muita justeza, Laís Correa de Araújo afirma que, em "Mapa" o poeta traça um "mapa interior, como tentativa de autognose e, ao mesmo tempo, tomada de posição, conscientização do poeta diante do tumulto imanente à sua condição de criador"[4]

Voltar ao começo, ver suas superfícies, dobrar-se sobre si mesma é o destino dessa metalinguagem poética. Não remeter a nada que esteja fora do seu domínio estrutural demarcado – norte, sul, leste, oeste – é o seu *pathos*. Cabe, aqui, relacionar os quatro pontos cardeais com as extremidades do corpo do poeta, que apontam para uma expansão representativa do sacrifício divino. A cruz é o mais totalizante dos símbolos[5], porque as duas linhas, convergindo no centro, somam-se em quatro segmentos, que são a base de todos os símbolos de orientação. Ao mesmo tempo, significa síntese, conjunção e emanação, sendo que, na mística cristã, pela cruz está representada a libertação espiritual do homem. Murilo Mendes, nessa concepção, é um corpo que se doa e se distende para abarcar todos os sentidos da dor humana, até alcançar a transcendência, para novamente retornar aos dramas individuais e cotidianos, resgatar a humanidade na encenação contínua da paixão de Cristo.

Em "Mapa" o poeta apresenta a sua visão do universo e aponta a imagem do artista próximo a Cristo. O poeta desempenha o papel de um profeta, patriarca trazido do Antigo Testamento para os papéis do Novo e deste para o mundo contemporâneo do poeta, um homem com toda a sua carga emocional e sensual, na luta

[4] *Murilo Mendes*, Rio de Janeiro, Vozes, 1972, p. 34.
[5] Jean Chevalier e Alain Gheerbrant. Ver o verbere "cruz" in: *Dicionários de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990, pp., 309-317.

absoluta, cotidiana e interminável de tentar superar a condição terrena.

Qual Jacob que quer superar a condição humana no ato consciente de duelar com Deus, assim se comporta o poeta em "Mapa", plasmando a vida na própria caminhada textual agônica e eternamente retomada, dando voltas sobre si, "numa nebulosa, rodando/ Tonto de vidas", mas consciente de que seu corpo fragmentado, recorrente e fadado a se insinuar "nos quatro cantos do mundo" é a sua arma para abrir as sendas de uma existência poética possível. Mesmo que Murilo apresente-se como voz errante em meio aos discursos correntes da sociedade.

Em termos formais, podemos ver que o caráter de processo ininterrupto do texto apóia-se no estrato morfológico. Nesse aspecto, destacamos, dentre várias formas verbais, a alta incidência de verbos no presente do indicativo ("estou"; "vejo"; "sou"; "chego"; "prega"; "chamam"; "danço"; "rio"; "choro"; "gosto"; "batalho"; "samba"; "ando"; "faz"; "não sei"; "não acredito"; "balanço"; "desespero"; "chamam"; "amo"; "detesto"; "inscrevo") e em menor relevância, verbos no futuro do indicativo ("vai mudar"; "revelará"; "andarei"; "estarei"; "aninharei"; "transparecerá"; "aparecerá"; "suspenderá"; "dançarei", "beija-rei"; "vibrarei", "abraçarei"; "insinuarei") e gerúndio ("rodando"; "rindo"; "combatendo", "andando; "olhando", "levantando", "brotando"), indicando um aspecto de conscientização do ser, entre o que é, o que será e o seu empenho para continuar sendo. O poema é, pois, um contínuo que se assemelha à luta de Jacob, um campo metalinguístico com sua palavra-limite a visualizar a escada de nosso tempo, cheia de signos conflitantes.

No plano semântico, expressões verbais como "rodando", "andando", "batalho", "balanço", "combatendo", "samba", "dançarei", refletem uma idéia de deslocamento que remete à busca obsessiva do poeta a esse deslocar-se incessante em torno do mesmo "mapa", configurando, assim, um vazio que é iminência, posto que o poeta não sabe mais "o que é o bem nem o mal". Ressurge a necessidade de prosseguir caminhando, se balançando "em arenas espanholas", "combatendo personagens imaginários", até inaugurar "o estado de bagunça transcendente", vivendo "nem triste nem alegre", mas "sempre em transformação".

Em "A criação e o criador" – poema que abre o "Livro Segundo" de *As metamorfoses* – o poeta se faz novo Jacob,

lutador, capaz de despertar, com sua magia verbal, a noite, o sono do poema obscuro, dando-lhe "essência, corpo," vida:

A CRIAÇÃO E O CRIADOR

O poema obscuro dorme na pedra:
"Levanta-te, toma essência, corpo".

Imediatamente o poema corre na areia,
Sacode os pés onde já nascem asas,
Volta coberto com a espuma do oceano.

O poema entrando na cidade
É tentado e socorrido por um demônio,
Abraça-se ao busto de Altair,
Recebe contrastes do mundo inteiro,
Ouve a secreta sinfonia
Em combinação com o céu e os peixes.

E agora é ele quem me persegue
É ele quem empunha o chicote
Até que o verbo da noite
O faça voltar domado
Ao pó de onde proveio.

(*As Metamorfoses*, In: *PCP.*, p. 337)

Considerando que o ato criador é um processo, sua primeira dimensão implica na imprevisibilidade. O poema tem o tom de uma profissão de fé, marcada pela aventura de quem mesmo tendo se preparado cuidadosamente para uma jornada poética a fim de dar essência ao poema, não sabe, o poeta, o caminho no qual é lançado, posto que vê-se perseguido pelo próprio poema. O poema, antes dependente do ser poético, agora apresenta-se autônomo, personificado, incomoda o poeta e deve voltar "ao pó de onde proveio". Tal como Jacob combate com seu criador e busca uma autonomia, o discurso metalinguístico de "A criação e o Criador" sugere a luta do poeta com as palavras, ao

ponto de desejar adormecer o poema e vê-lo reduzido à sua essência primeira: o pó.

Considerações finais

O poeta, fascinado pela essência das coisas, já nasce alistado e não pode fugir de sua vocação poética, pois traz em si "as cicatrizes da liberdade", que supõe-se a sua própria vocação. Embora marcado, é capaz de extrair das perturbações oriundas de sua consciência crítica e criadora um novo sentido para sua poesia. A vocação poética, para Murilo Mendes, sempre foi matéria de reflexão, a tal ponto que ele faz de sua poesia a atividade principal. Incorporando em si o Jacob mítico, Murilo reconhece no aforismo 655 de *O Discípulo de Emaús* que "A poesia é tão diurna como noturna" e, assim, prossegue a sua peregrinação entre as trevas da vida moderna em busca da aurora da liberdade poética. Murilo reinventa o mito: faz-se novíssimo Jacob, que, no Eterno, almeja a metamorfose definitiva. Incisivos, o poeta e a poesia transpõem seus próprios marcos e, reinventando Jacob, Murilo exprime seu próprio fazer poético.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira (trad.) *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

ARAÚJO, Laís Correa. *Murilo Mendes*. Petrópolis: Vozes, 1972.

BRUNEL, Pierre (org.) *Dicionário de Mitos Literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

PICCHIO, Luciana Stegagno (org.). *Murilo Mendes: Poesia Completa e Prosa*. Rio de janeiro: Nova Aguilar, 1994.